



PATRÍCIA MORAIS

Patrícia Morais é uma estudante de tradução na London Metropolitan University. Mesmo enquanto mudava constantemente a sua mente acerca do que seria a sua futura profissão – alternando entre professora, nadadora salva-vidas e até mesmo veterinária –, algo que sempre teve a certeza foi que um dia viria a crescer para ser escritora.

E porque acredita que ainda não passa demasiado tempo à frente de um computador a escrever, ainda regista no seu blog, trishmorais.blogspot.pt, as suas experiências de escrita e traduz os conselhos de outros autores de língua inglesa.

PATRÍCIA MORAIS

SOMBRAS

coolbooks

*Para a minha mãe, que não gosta de ficção paranormal.
Para o meu irmão, que gosta, mas não gosta de romance.
E para a minha irmã, que gosta de romance,
mas tem uma relação complicada com a leitura.*

Existem dois tipos de pessoas neste mundo: aquelas a quem desgraças acontecem e seguem em frente, e aquelas que não conseguem. Eu sempre considerei fazer parte das que seguem em frente, mas há coisas que são simplesmente impossíveis de esquecer.

Aquela noite foi uma delas.

1

Já deviam ser umas duas ou três da manhã quando finalmente saí da discoteca com os meus colegas. Mais uma vez tinha deixado o relógio em casa. *Argh!* Como odiava quando isso acontecia, o meu mundo girava à volta das horas, mesmo não tendo nada marcado, gostava de saber ao menos a quantas andava.

Só podia estar mesmo cansada – bêbeda não estava, ainda tinha que ir a conduzir para casa e tendia a ser responsável nesse aspeto –, só depois de ter passado imenso tempo a reclamar interiormente por não ter trazido relógio é que me lembrei: os telemóveis têm horas. Peguei nele. Estava certa. Marcava duas e trinta e um.

– Lili, espera! Ainda não te disse adeus como deve ser. – Duarte, o meu namorado e provavelmente um dos rapazes mais doces à face da terra, correu na minha direção e beijou-me, por muito mais tempo do que precisava. Ouvi assobios atrás de mim e ele afastou-se ligeiramente embaraçado. Era tão tímido que chegava a ser encantador.

Que tinha feito eu para merecer uma pessoa tão amável? Quer dizer, as pessoas diziam que estávamos bem um para outro, porque éramos os dois a imagem da perfeição e nunca púnhamos os pés fora da linha e por isso combinávamos. Mas o problema é que eu não gostava da maneira como era. Estava farta de viver à volta de regras impostas por mim mesma. Só por uma vez na vida, gostaria de ser impulsiva e saltar de cabeça.

Ele beijou-me a testa e murmurou “amo-te” no meu ouvido. Sentia o peito a aquecer cada vez que ele proferia tais palavras, mas

nunca era capaz de dizê-lo primeiro ou até mesmo responder com “também te amo”, por isso sorri e respondi:

– Já, eu também.

Ouvi um barulho atrás de mim e virei-me de repente sobressaltada.

– Que foi?

– Nada – respondi, depois de reparar que eram apenas mais pessoas a sair da discoteca. – Estou só a sentir-me um pouco apreensiva, hoje.

– O que foi desta vez? Um vampiro? Um *zombie*? Não, espera, o que era aquela coisa que tu nos obrigaste a ver a semana passada? Um *wendigo*?

Revirei os olhos.

– Tu sabes que não acredito nisso.

– Então, porque vês tantos desses filmes?

Encolhi os ombros.

– Não sei, simplesmente gosto.

– Ok, desculpa.

Ele também se desculpava sempre por tudo. Até mesmo quando era eu quem começava as discussões, era sempre ele quem tentava as tréguas. Era, também, o género de rapaz que diz quão linda estamos quando temos um encontro, puxam a cadeira para nos sentarmos e abrem-nos a porta do carro para entrarmos ou sairmos. A sua calma e bondade chegavam a deixar-me a sentir mal comigo própria. Então, porque não conseguia sentir que o nosso amor seria capaz de quebrar barreiras ou algo assim? Sentia amor por ele, mas nenhuma paixão.

– Que foi? – perguntou ao reparar que o meu olhar estava fixo.

– Nada. – Desviei um dos seus caracóis da testa e ele corou.

– Vais chegar bem a casa?

– É claro que vou.

– Oh, já me esquecia, és uma mulher de armas. Se alguém se aproximar vais fazer com que se arrependa de ter saído da barriga da mãe.

– Parvo!

Se aparecesse alguém perigoso, o meu primeiro instinto seria fugir, entre enfrentar ou não um conflito preferia não o fazer, mas

se não tivesse tempo de fugir, esperava que todos os anos de artes marciais e outros desportos que fizera toda a vida não tivessem sido em vão. Nunca tivera de tirar a prova dos nove.

Despedi-me dele com um beijo rápido e assim que dispersámos e comecei a caminhar sozinha para o carro, o modo responsável ligou-se automaticamente. Os meus pais não se iam importar com as horas a que chegava a casa, tinham confiança em mim e na verdade, as horas de hoje não eram nada comparadas com as horas a que eu chegava algumas vezes. Não que importasse, eles já deviam estar no quinto sono.

Aquela noite foi uma bela noite de início de verão. Não havia uma única nuvem que cobrisse o céu escuro e estrelado e as luzes alaranjadas iluminavam o caminho dos poucos carros nas estradas e de algumas pessoas que passeavam na rua, provavelmente também acabadas de sair de alguma noitada. A noite estava amena e a capota do meu *Volkswagen Golf* estava aberta para obrigar a manter-me acordada com o vento.

Sorri o caminho todo para casa.

Em 20 anos nunca tivera de preocupar-me com nada, a não ser escola e futuras carreiras. Queria ser advogada e ainda tinha aquele espírito que todos os que embarcam para advocacia têm inicialmente; aquele de que vamos mudar o mundo e torná-lo mais justo. Tudo aquilo que jovens defendem até serem corrompidos com dinheiro ou alguma ideia de poder. Os meus pais tinham empregos bons e estáveis, e sempre tivera aquilo que quis e precisava, e por vezes até mesmo o que não precisava.

Que mais poderia desejar?

Empurrei os meus desejos de rebeldia para dentro de uma caixa, juntamente com todas as minhas inseguranças acerca do Duarte. Estava a chegar a casa e podia ir deitar-me e adormecer com um sorriso na cara.

Estacionei à porta de casa e desliguei o motor. A noite estava mais fria naquela zona, começava a sentir-me como se estivesse de roupa interior à porta de um frigorífico. Dirigi-me à porta principal com as chaves na mão, mas não foram precisas porque a porta já estava aberta.

– Eva! – A minha irmã mais nova tinha a mania terrível de esquecer-se de fechar a porta. Quando entrei dei um pontapé atrás das costas para a fechar e reparei que, além da porta, Eva tinha deixado também a televisão ligada, provavelmente adormecera a ver televisão na sala. Da televisão vinham gritos e sons de coisas a partirem-se. Que raio de filmes andava esta rapariga a ver? Tinha de desligar aquilo antes que acordasse alguém.

Era estranho a televisão estar com o volume tão alto e os meus pais não terem acordado para a obrigarem a desligá-la. Senti um arrepio, havia algo sombrio na luz azulada que cintilava nas paredes brancas do corredor e criava sombras por entre os móveis. Abri com cuidado a porta da sala, à primeira vista parecia não haver ninguém lá dentro, apenas a televisão ligada com imagens atrozes. Aproximei-me do sofá onde a minha família costumava sentar-se depois do jantar.

O que vi a seguir foi algo impossível de descrever. Algo que não queria descrever, porque não podia ser verdade, algo tão horrífico, tão terrível. Algo que ainda me assombra todas as noites.

Uma onda de pânico atravessou-me o corpo todo, mas não havia nada que pudesse fazer, sentia como se algo pesado estivesse a tentar afundar-me, como se o peso do mundo se tivesse concentrado no meu peito. Queria gritar, gritar a plenos pulmões, mas não conseguia sequer respirar. Queria fugir dali, mas as pernas não me obedeciam.

E tudo era muito pior porque estava em câmara lenta. Porque é que o relógio decidira parar de andar?

Acolhi aquele peso e deixei-me afundar e afundar mais fundo, até perder todos os sentidos.

2

Alguém me disse que existem cinco estados de luto.

Eu não sei. Nunca precisei de saber. Bem... pelo menos até agora. Um modelo qualquer, inventado por alguém, que não tinha mais nada que fazer a não ser atirar-nos à cara o que estamos ou vamos sentir. Como se já não bastasse a negação, raiva e depressão, ainda podemos juntar antecipação à mistura; aquele sentimento de êxtase que sentimos ao descobrir que depois de te sentires mal, ainda vais continuar a sentir-te pior. Esses estados ocorrem por ordens diferentes até chegarmos àquele que todos desejamos: aceitação.

No meu ponto de vista, o mais complicado era o estado de depressão, ou talvez deversem chamar-lhe estado de insónia, porque não me conseguia lembrar da última vez que dormira oito horas seguidas.

E eu culpava aquela casa.

Por essa mesma razão, as malas estavam à porta e as minhas coisas empacotadas. Toda a rotina que se faz antes de sair de casa, de verificar se estava tudo em ordem para que não houvesse nada que causasse danos à casa, estava feita. Uma rotina típica de quem vai estar fora por muito tempo. *Oh*, e eu ia estar muito tempo, sinceramente não fazia ideia de quando voltaria. Poderia levar anos até pôr de novo os pés naquela casa. E havia ainda a hipótese mais provável: nunca mais voltar.

Como é que eu podia voltar? Voltar àquele casa. Ver tudo de novo. Entrar naquela sala e ver a memória daquele dia encher-me a mente. No entanto, não conseguia ter a certeza que o caminho que estava a tomar agora fosse o mais indicado.

Restava-me apenas parar de analisar e ir com a corrente.

– Vem viver comigo. – Millie, a minha amiga de infância de quando eu ainda vivia em Inglaterra, viera a correr ter comigo quando soube o que acontecera e fizera os possíveis para me animar, mas havia algo em mim que queria apenas afundar-se com eles e desaparecer deste mundo. – Podemos alugar um pequeno apartamento em Londres. Só as duas. Seria como viver numa festa sem hora para terminar.

Eu adorava a Millie, mas o que mais desejava neste momento era estar sozinha, por isso quando me convidou para ir viver com ela na esperança que abandonasse esta ideia absurda, recusei.

Se noutra altura da minha vida ela tivesse feito a mesma oferta não teria pensado duas vezes. Vivermos sozinhas numa cidade como Londres, sairmos todas as noites e irmos às compras juntas quando nos apetecíamos, e até mesmo arrastar uma Millie contrariada para os museus, sem qualquer preocupação na mente, era o sonho de qualquer estudante universitária. Mas eu já não era uma estudante universitária normal, estava diferente e não seria a melhor companhia para ninguém, nem mesmo para ela.

– Então que planeias fazer? – perguntou.

Quando lhe contei o meu plano, a cara dela foi um misto de choque, pânico e surpresa. Deixar-me sozinha era o que ela menos desejava, e ali estava eu a pensar mudar-me para um país a quilómetros de distância. Se fosse noutra altura, talvez me tivesse rido da situação, o papel de protetora e responsável costumava ser meu, Millie geralmente agia sem pensar. A vida, na opinião dela, era para ser aproveitada e experimentada.

– Jillian? Onde raio fica isso?

– Oregon.

– Estás-me a dizer que vais mudar-te para mais perto do Pacífico que do Atlântico?

– Sim. – A muito custo esbocei um sorriso.

– Por acaso existe alguma civilização perto disso?

– Fica perto de Eugene.

Millie pegou no portátil pousado em cima da cama, uma das poucas coisas que ainda não estava arrumada e pronta para ir.

– Tu já viste a meteorologia desse sítio? – Virou o portátil para mim. – Nublado, nevoeiro, nevoeiro, nublado. É deprimente.

– Londres não é muito diferente, Millie.

– Sim, mas Londres tem arte, entretenimento, moda... História.

– E mais de oito milhões de pessoas.

– Qual é o teu problema com uma cidade que está deveras povoada?

– Nada. É só que uma pequena cidade com poucas pessoas, onde ninguém me conhece, parece ser o local ideal para começar uma vida nova.

– Por favor, Lilly, considera de novo. Eu sei que festejar e sair não é o que te apetece de momento, mas esse sentimento não vai durar para sempre. Vai melhorar. Mudares-te para os Estados Unidos não é a solução. É diferente de tudo o que conheces, precisas de estar perto de algo reconfortante e familiar.

– Estás enganada. O que eu preciso é de um sítio completamente diferente. Preciso de mudar de ares, para onde ninguém sabe que sou a pobre coitada que perdeu... – Um nó formou-se na minha garganta e senti a voz falhar-me. – Não precisas de te preocupar Millie, eu não vou voltar a fazer nada.

O telefone de casa tocou, e tal como tantas vezes antes, ignorei-o. Estava cansada de todos aqueles telefonemas; vizinhos, familiares, amigos e até mesmo apenas conhecidos, ligavam para casa a perguntar como estava, se precisava de alguma coisa, se não tinha feito mais nada. Engraçado como ninguém nos liga enquanto estamos vivos e de boa saúde, mas basta haver um desastre e somos logo o primeiro número na sua lista de contactos.

– E a mudança de curso? Onde é que se integra no meio disto tudo? – Continuou Millie, também ela a ignorar o telefone.

– Eu queria ser advogada quando os meus pais estavam vivos, quando tinha alguém que queria orgulhar. Quando queria uma carreira que me desse estabilidade financeira para construir uma família. Nada disso importa agora. Não quero saber se não há futuro neste curso, foi algo que secretamente sempre desejei fazer. Com tudo o que aconteceu, Millie, não achas melhor que eu vá fazer algo que me deixe um pouco mais feliz?

O telefone recomeçou a tocar e Millie levantou-se para o atender.

– Peço desculpa, mas a Lilly não deseja...

Desliguei o cabo do telefone na ficha. Era das últimas coisas que me faltava fazer antes de sair de casa. Millie resmungou entredentes sobre quão rude eu era, mas não se esforçou muito, ela sabia o quanto eu estava cansada daqueles telefonemas e também ela já começava a ficar farta.

– E o Duarte? – prosseguiu. – Onde fica ele no meio disto tudo?

– Tu sabes que as coisas não andam bem entre nós. Não tenho paciência, ele anda a esforçar-se tanto que já começa a irritar.

– Lilly, tu tens aquilo que maior parte das raparigas dariam um braço e uma perna para ter. E estás disposta a deitar fora?

– Que queres que eu faça? – disse, atirando os braços ao ar.

– Que continue a viver o resto dos meus dias aqui? Só para fazer feliz uma pessoa que não me consegue fazer feliz a mim?

– Geralmente é essa a definição de amor e altruísmo, mas não. Quero que penses que nem sempre te vais sentir assim. E que quando isto passar, ele vai lá estar à tua espera.

Abanei a cabeça.

– Millie, isto não é um filme. No final, não vamos acabar juntos para sempre. E eu não posso obrigá-lo a pôr a vida dele em espera, enquanto eu espero que a minha se resolva.

Contrariada, Millie acabou por desistir de tentar persuadir-me. Eu já tinha tomado a minha decisão, agora não havia volta a dar. E ela sabia disso.

Quando nos separámos no aeroporto de Lisboa, ela a caminho do Reino Unido e eu da América, as lágrimas escorriam-lhe pela face, havia tanto carinho e dor no seu rosto como se pensasse que aquela seria a última vez que me iria ver. A minha pelo contrário estava limpa e rígida, o meu coração estava apertado por deixar a minha melhor amiga, mas já não tinha lágrimas para chorar. Eu adorava-a e ela sabia disso, era tudo o que precisava.

– Boa sorte! – Foi a última coisa que a minha companheira de infância me disse antes de abraçar-me e seguir na direção oposta.

Agora, finalmente depois de tanto tempo, estava sozinha.

O despertador tocou às dez para as sete da manhã. Acordei e desliguei-o, mas não me levantei logo, fiquei deitada na cama a pensar no sonho que acabara de ter.

Não fora bem um sonho, era mais uma memória, mas era o melhor sonho que tinha tido em meses. Não fora um pesadelo e isso era ótimo. Não pensava em Millie e nos nossos últimos momentos juntas há algum tempo. Com um pequeno sorriso, recordei o telefonema furioso que ela me fizera há um tempo atrás. No meio da confusão que era a minha vida agora, não tinha muito tempo para me manter em contacto e soubera bem recordar.

Levantei-me e segui até à janela para puxar as cortinas e observar a rua. Fazia isso tantas vezes que quase se tornara num ritual matinal. Estava nevoeiro, como habitualmente. Não costumava haver muitos dias de chuva, e de sol ainda menos, com algumas exceções durante o verão. Nevoeiro e nublado pareciam ser o clima constante. Não me podia queixar, esta era a razão pela qual tinha escolhido este sítio, o meu próprio humor poderia ser classificado como nublado.

No entanto, dava por mim a sentir falta dos invernos em Portugal, que mesmo sendo frios – não tão frios como aqui –, eram solarengos e o sol era reconfortante.

Vesti as habituais calças de fato de treino e desci para o pequeno-almoço.

Na cozinha rústica, sentados na mesa que só dava para sentar oito pessoas, estavam alguns dos meus colegas. Uns acabados de chegar, outros prontos para começar as suas sessões de treino individuais antes do dia em *Venator* começar.

– Preparada? – perguntou Shianne. Ela tinha cabelos loiros e curtos; e com a sua figura atlética e bem parecida tinha um certo ar intimidante. Apesar de ser de manhã comia um cheeseburger e batatas fritas, nada de impressionante para quem passara uma noite em branco a trabalhar.

– Nem por isso. É assim tão stressante cada vez que alguém novo aparece?

– Não é fácil aceitar pessoas novas no nosso tipo de trabalho – assegurou Gabriel. – E é ainda mais complicado, quando somos os seus guardiões.

Hoje poderia ser apenas mais um dia nesta mansão gótica, mas não era o caso. O dia seria diferente dos habituais com a chegada de uma nova recruta à mansão. Não que a vida que levávamos pudesse ser considerada rotineira.

A minha missão seria ser a sua guardiã. Para já, significava mostrar-lhe o lugar e explicar como as coisas funcionavam aqui. Uma tarefa complicada, visto que eu estava nesta casa há alguns meses, mas ainda era nova na organização. Nem eu mesma sabia como funcionavam as coisas aqui quanto mais explicar a outra pessoa.

– Ok – disse, tentando esquecer o assunto e preparada para sair. – Vemo-nos quando ela chegar.

A rua lá fora, não estava com melhor aspeto do que era visto pela janela do quarto. Conseguia ser pior. O frio cortante gelava-me as orelhas e causava tensão nos músculos. Depois do aquecimento, comecei a correr atravessando os jardins da frente, contornando a mansão pela esquerda até atravessar o celeiro e chegar à floresta que havia por trás.

Não me podia demorar muito. Decidi dar o meu máximo no pouco tempo que tinha e corri por entre as árvores verdes carregadas de musgo. Já tínhamos chegado à primavera, mas o clima não parecia querer importar-se com esse pequeno facto.

Quando cheguei ao meu lugar – um espaço amplo com árvores caídas onde geralmente me dava por perdida – decidi voltar para trás. Para meu infortúnio, quando regressava, Liam, que vivia no celeiro, estava a sair de casa.

Ele avistou-me, despedaçando as minhas esperanças de passar por ele despercebida.

– Não tens de ir preparar-te para conhecer a tua nova *protégée*? – perguntou. Ele quase cuspira a palavra, nem sei porque se dera ao trabalho de a dizer em francês.

Bom dia para ti também.

– Tenho.

– Não sei porque te dás ao trabalho – disse. Mas não percebi

aonde queria chegar com o assunto. A minha cara devia mostrar alguma confusão, porque acrescentou. – Aceitar ser guardiã dela? Especialmente, quando também tu és nova aqui.

– E tu que perdesse uma oportunidade para me lembrar...

– Podias recusar, sabes? Existe uma palavra bastante simples, com três letras. Experimenta comigo. *N-Ã-O*.

– Chama-se ser prestável. Algo que tu não saberias pronunciar – retorqui.

– Chama-se ser pau-mandado.

– Bom dia, Liam.

Desatei a correr em direção à mansão, deixando-o sozinho e provavelmente orgulhoso de si mesmo.

Desde o primeiro dia que o vira, Liam despertara em mim uma profunda irritação. Ele era o melhor caçador naquela casa, mas a sua personalidade agonizante fazia vir ao de cima um enorme sentido de sarcasmo e provocação. Eu até conseguia ser simpática para com as pessoas, mas Liam conseguia tornar até mesmo o Gandhi, numa máquina assassina.

Ok. Talvez isso seja um bocado demais. Gandhi? A sério?

Ainda estava a resmungar, quando entrei pela soleira da porta e limpei os pés com lama ao tapete.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou Zhao, aparecendo no vestíbulo vinda do ginásio.

– Aquele Liam... Nem vais acreditar no que ele me chamou. Será que ele tem algum sentido de utilidade?

Contei-lhe, em poucas palavras, a minha conversa com ele, e em vez de apoiar-me na minha frustração, Zhao riu-se.

– Tu sabes que não o podes levar a sério. Ele provavelmente disse isso para te irritar. E surpresa, até funcionou. – Zhao reparou na minha cara pouco amigável e sorriu mais abertamente. – Não sei se sabes, mas o Liam foi o guardião do Gabriel quando ele chegou.

– Liam? Guardiã de alguém? É difícil de imaginar.

Subi as escadas encurvadas até ao meu quarto para me vestir novamente.

Quando acabei de tomar banho sentei-me novamente no banco da janela. Estar sozinha era algo por que ansiava. Era engraçado

como essa tinha sido a razão pela qual eu deixara Portugal e agora via-me na casa mais cheia em que vivera até hoje. O tempo ainda não mudara e o nevoeiro ficara tão intenso que mal conseguia avistar o celeiro de Liam.

Nos meus primeiros dias em Jillian, o nevoeiro não tinha ajudado na minha depressão, mas, depois de tanto tempo, começava a ver o seu encanto. Havia algo de interessante em não saber o que se encontrava do outro lado. Talvez isso fosse apenas conversa de pessoas doidas, mas o perigo atraía-me, era a única coisa a que conseguia agarrar-me para não sentir a falta deles.

A minha irmã teria odiado viver num sítio como este, “anormal” era o que ela me chamaria se soubesse que estava a começar a gostar do clima aqui. A minha mãe também não teria achado muita piada, afinal tinha sido essa a razão pela qual tínhamos saído de Londres. E o meu pai...

– Lilly? – Uma batida na porta e uma voz a chamar-me pelo nome acordou-me dos meus pensamentos, levantei-me do banco, ainda com uma toalha envolta no corpo e a outra no cabelo, e abri a porta.

Ada encontrava-se à minha porta com o seu rosto redondo salpicado de sardas e os caracóis ruivos a emoldurar-lhe as bochechas rosáceas. Tinha uma beleza que era sobrenatural e sempre que a via questionava-me sobre como é que alguém tão bonito se via metido numa situação como a nossa. Ela poderia ter tido tudo o que desejasse, e no entanto escolhera esta vida. Nunca tivera coragem para lhe perguntar, as nossas vidas e o nosso passado eram coisas que gostávamos de manter em privado.

– Sim? – respondi depois de lhe ter aberto a porta.

– Ela chegou.

– Já? – Olhei para o relógio... Mas que raio? Eram quase nove da manhã. Quanto tempo tinha eu passado a olhar para a janela?

– Desço já, dá-me só um segundo.

Olhei-me no espelho por cima da cómoda atrás da porta. O rosto refletido era o de uma rapariga pálida, devido à quantidade de meses que passara sem o sol, e os cabelos escuros não ajudavam no contraste. Os olhos finos que não eram bem castanhos, mas também não podiam ser considerados verdes, pareciam cansados.

A rapariga refletida no espelho aparentava uma expressão de puro pavor. *Tu consegues, vá lá, se há alguém que percebe de regras és tu, deixa-te de mariquices.*

Vesti-me, prendi os cabelos molhados num elástico no topo da nuca e saí porta fora.

Quando desci novamente as escadas, a nova recruta estava na entrada e parecia-me bastante nervosa, talvez até mais do que eu; e quem podia culpá-la? Todos os olhares vindos da sala pareciam estar postos nela.

Não fora assim há tanto tempo atrás que eu estivera na mesma situação. Apesar de parecem anos, tinham passado apenas poucos meses, e também eu me sentira como um pedaço de carne a ser olhado por canibais esfomeados. Talvez fosse essa a razão que levara Nolan a escolher-me para fazer as apresentações; o meu primeiro dia nesta casa ainda estava bastante vivo na memória.

Olhei em redor com um ar ameaçador para tentar desencorajar os meus companheiros de assustar a pobre rapariga, mas ninguém parecia prestar-me atenção. À exceção de Liam, que parecia ser o único desinteressado na rapariga nova, pois os seus olhos verdes estavam postos em mim com aquela mesma intensidade de sempre.

Deve querer ver se cometo alguma asneira hoje. Mortinho por isso deve estar ele.

O olhar dele suavizou-se e... *Não...* a minha mente só podia estar a pregar-me partidas, por momentos pareceu que o Liam estava a desejar-me boa sorte, mas com certeza que só podiam ser os nervos.

Fui acordada do meu lapso momentâneo por uma voz delicada.

– Olá, chamo-me Anya Marie.

Olhei para ela com atenção pela primeira vez, a rapariga não tinha mais de 18 ou 19 anos. Nós entrávamos novos, mas esta rapariga acabara de atingir a maioridade, e em vez de aproveitar para fazer parvoíces de jovens adultos, estava aqui para arriscar a vida. E era bonita ainda por cima. Tinha uns cabelos castanho-claros e os olhos eram grandes e acinzentados, os lábios grossos e as bochechas bastante salientes no rosto.

Eu tinha de falar com o Nolan sobre isto.

– Hum? Oh, sim, desculpa. Sou a Lilly, Lilly Ashton. Bem-vinda.

Por onde começar? Tinha de preencher o silêncio com alguma coisa. Tentei lembrar-me do meu primeiro dia na mansão e como tinha sido feita a apresentação.

– Ahn, por onde queres começar? Apresentar-te aos outros ou queres primeiro ver a casa e ambientares-te um pouco?

– Ambientação parece-me ótimo neste momento.

Quem te pode culpar, com os lobos aí a olhar, pensei.

– Certo.

Divisão por divisão, mostrei-lhe a casa, tal como Nolan fizera comigo quando chegara. Era certo que eu chegara de surpresa e um pouco mais cética que Anya, mas as minhas circunstâncias tinham sido diferentes.

Como início, comecei a contar o pouco que sabia acerca da história da nossa organização.

– *Diabolus Venator* foi criado no ano de 1870. – *Diabolus Venator* era o nome em latim da organização e significava “Caçador do Demónio”. Tinha sido nomeada numa altura em que lemas e nomes em latim ainda estavam na moda, mas mesmo assim surpreendia-me o sentido literal e a falta de originalidade. Anya Marie parecia bastante interessada no que eu estava a dizer. Eu, no entanto, parecia estar novamente na escola a fazer uma enorme apresentação oral que iria ser decisiva na minha nota final. – Criado por Harrison Maxwell e Stephen Wilfred, um verdadeiro exemplo de uma dupla de músculo e cérebro. Maxwell era um militar do exército e Wilfred um historiador especializado em eventos paranormais. O século XIX foi onde basicamente começou toda a história do sobrenatural. Até lá, as pessoas tinham superstições e crenças acerca de espíritos e demónios, mas foi apenas no início desse século que começaram a aparecer cada vez mais médiuns a afirmar conseguir falar com fantasmas. Foi também poucos anos antes que as pessoas começaram a ter superstições acerca de vampiros e a protegerem-se com cruces e alhos, apesar de ser tudo treta, mas os pobres coitados não sabiam disso.

Wilfred era extremamente inteligente e ligeiramente *cético*, por isso quando ele acreditava que havia atividade preternatural, é porque existia mesmo. Maxwell e Wilfred juntaram-se devido a um acaso do

destino quando Wilfred o salvou de um lobisomem. Como demonstração de gratidão, Maxwell decidiu juntar-se a Wilfred na sua missão porque, apesar de ser muito inteligente, o pobre historiador deixava muito a desejar no físico. Eles começaram a caçar juntos, anotando cada detalhe do que descobriam nos seus livros, até Maxwell ter decidido que estava na hora de começarem a partilhar o seu segredo e juntarem pessoas à organização, também porque um dia os dois poderiam morrer e o seu trabalho ficaria por terminar.

Não preciso estar a maçar-te com pormenores de como isto tudo começou, há livros sobre isso na biblioteca. O que precisas de saber é que nós somos uma organização com vários anos, com algumas tradições e o mais importante de tudo, cheia de regras, ou de outra maneira não tínhamos durado tanto tempo. O essencial no meio disto tudo, é saberes que as criaturas que vês nos filmes de terror, os monstros dos livros infantis é tudo verdadeiro... bem, quase tudo... é para isso que sirvo. Estou cá para te explicar quais as que são verdadeiras e como matá-las e quais os monstros que são pura ficção.

Vais ter de aprender também a seguir pistas sobre quais os monstros que andam a atacar num certo momento e num certo local, porque acredita, eles não vão aparecer à tua frente e dizer “olá, sou um lobisomem, pega nas tuas balas de prata e vem atrás de mim”. Há certas criaturas que são óbvias e outras que não podiam ser mais complicadas, e ainda há as que têm métodos semelhantes de atacar, mas morrem de formas diferentes.

As tuas aulas começam às nove da manhã em tempos calmos, mas se andarmos muito ocupados, prepara-te para teres dias em que acordas às seis da manhã ou mais cedo para começares a treinar. Alguma dúvida? – perguntei com o resto do ar que ainda me sobrava nos pulmões.

A cara da pequena Anya Marie estava atónita, talvez tivesse falado demasiado rápido. Bolas, malditos nervos que me davam para falar que nem uma tresloucada como se não tivesse outra oportunidade de ser ouvida.

- Não, mas posso fazer uma pergunta?
- Sim, se eu puder responder – respondi.
- Como é que vieste aqui parar?